Revista do corpo discente do PPG-História da UFRGS

A Propaganda da Eugenia no Brasil: Renato Kehl e a implantação do racismo científico no Brasil a partir da obra "Lições de Eugenia"

FIUZA, Denis Henrique[1]

Resumo: O objetivo deste artigo é analisar a obra do médico e eugenista Renato Kehl (1889-1974), intelectual que ficou conhecido como o principal divulgador das ideias eugênicas no Brasil, chegando mesmo a ser considerado "o pai da eugenia" entre os brasileiros, conforme indicara o escritor Monteiro Lobato (Souza, 2006). O foco principal do artigo é analisar uma das obras mais importantes do autor: "Lições de Eugenia", publicada em 1929. Essa obra é resultado de mudanças de Renato Kehl em direção a uma eugenia ainda mais radical, informada pelo racismo europeu e pelo determinismo biológico. Neste sentido, o objetivo é apresentar o projeto de Renato Kehl proposto nesta obra, procurando compreender o sentido de seu ideário eugênico e o contexto em que este livro foi publicado.

Palavras-chave: Eugenia; raça; identidade nacional.

Abstract: The objective of this article is to analyze the work of the physician and eugenist Renato Kehl (1889-1974), an intellectual who became known as the main disseminator of eugenic ideas in Brazil, even being considered "the father of eugenics" among Brazilians, according to Indicated the writer Monteiro Lobato (Souza, 2006). The main focus of the article is to analyze one of the author's most important works: "Lessons of Eugenia", published in 1929. This work is a result of Renato Kehl's changes towards an even more radical eugenics, informed by European racism and determinism biological. In this sense, the objective is to present the project of Renato Kehl proposed in this work, trying to understand the meaning of his eugenic ideology and the context in which this book was published.

Keywords: Eugenics; race; national identity.

Introdução

> "Sendo o Dr. Renato Kehl, no nosso meio, a maior autoridade em assuntos de Eugenia, pelos acurados estudos e numerosos trabalhos que tem publicado, é natural que mais este, que acaba de sair do 'prélo', represente nova contribuição muito apreciável a divulgação tão necessária da matéria" (Brazil Médico, apud Boletim de Eugenia, Ano 1, n. 08, p. 09).

[1] Mestrando em História da Universidade Estadual do Centro-Oeste do Paraná/Unicentro. Email: denis-fiuza@hotmail.com. Artigo recebido em 6 de outubro de 2016.

Foi assim que a edição de 29 de junho de 1929 do jornal "Brasil Médico" se referiu ao lançamento da obra *Lições de Eugenia* do médico, farmacêutico e eugenista Renato Ferraz Kehl. Além desse jornal, grande parte da imprensa destacou a publicação de *Lições de Eugenia*. Muitos vibraram, outros nem tanto. O *Boletim de Eugenia*, também criado em 1929 por Renato Kehl, fez questão de destacar as "apreciações" da imprensa e dos intelectuais brasileiros em relação a *Lições de Eugenia*.

Além de destacar a autoridade de Kehl em relação a assuntos referentes à Eugenia, o jornal Brasil Médico se referiu a obra destacando-a em relação às demais desse autor, com "valor" e características a se "sobrepujar" as anteriores:

> E este sobrepuja em valor os anteriores por ser absolutamente didático: é uma exposição, em treze lições concisas e esquemáticas, de todos os aspectos do problema e de todos os fundamentos de sua propositura (BRASIL MÉDICO, *apud* BOLETIM DE EUGENIA, ANO 1, n. 08, p. 09).

Esse artigo é uma análise da política eugênica com seus desdobramentos no Brasil, a partir do trabalho de um de seus fiéis propagadores, o brasileiro Renato Ferraz Kehl (1889-1974), que concentrou grande parte de sua vida para a implantação da eugenia no país. Para a execução dessa pesquisa foi utilizado como fonte documental a obra *Lições de Eugenia* que, como destacamos acima, foi publicada por Renato Kehl em 1929.

Essa obra é resultado de mudanças do autor em direção a uma eugenia ainda mais radical, informada pelo racismo científico europeu e pelo determinismo biológico. Por isso, iremos analisar o projeto eugênico de Renato Kehl proposto nessa obra, procurando compreender o sentido de seu ideário eugênico e o contexto em que foi publicada.

Fruto da iniciativa de médicos, higienistas, antropólogos, jornalistas e educadores, o movimento eugênico se constituiu no Brasil como um campo científico complexo e fragmentado, cuja principal característica se definiu pelo seu caráter polimorfo e multifacetado.

O ponto inicial dessa análise é a formação do movimento eugênico enquanto um campo científico, conforme as análises apresentadas por Pierre Bourdieu (2004). Contudo, não se trata aqui da noção clássica de "*campo autônomo*", visto como um microcosmo que possuiu leis próprias e cuja lógica mediatiza o seu funcionamento. Ao contrário, trata-se de um "campo científico heterônomo", em que as demandas sociais externas macrocósmicas atuam fortemente na definição das relações de força.

A reconstrução deste campo conjuntural, as disputas científicas, os interesses dos agentes envolvidos, as estratégias e a luta por prestígio e reconhecimento, aquilo que

Bourdieu chama de "capital simbólico", são aspectos importantes que orientaram essa pesquisa. As ideias em torno das quais se estruturaram as principais polêmicas científicas, como as apaixonadas discussões sobre os estatutos científicos que deveriam formar a ciência eugênica, além, é claro, das concepções sobre raça, imigração, controle matrimonial e esterilização, fazem parte do "capital simbólico" da história da Eugenia e de sua legitimação enquanto campo científico. Ao utilizar essa metodologia de análise, observa-se também a posição que Renato Kehl ocupou no interior deste campo, suas estratégias para acumular crédito científico e impor um modelo dominante de ciência.

Ao analisar a trajetória e as ideias de Renato Kehl presentes nas obras publicadas no início dos anos 1930, é fundamental compreender a indicação de Pierre Bourdieu em relação aos perigos da "ilusão biográfica", ou seja, a crença de que a vida de um indivíduo "constitui um todo, um conjunto coerente e orientado, que pode e deve ser apreendido como expressão unitária" (BOURDIEU, 2000, p. 184). Renato Kehl realizou uma grande transformação em seu ideário eugênico, e essa transformação é o principal foco desse trabalho.

Com o objetivo de compreender a obra de Renato Kehl em diálogo com o contexto nacional, esta pesquisa utilizará como princípios teóricos e metodológicos as indicações do "contextualismo linguístico" dos historiadores Quentin Skinner e John Pocock, segundo os quais as ideias, as obras e os projetos intelectuais só ganham sentido quando considerados como atos de fala, como forma de ação social e participação no mundo da política. Neste sentido, analisar a obra de um autor, significa antes de tudo compreender o próprio contexto de produção e circulação das ideias em uma dada sociedade (SKINNER, 1988; POCOCK, 1990).

Dividimos esse artigo em três partes. No primeiro tópico, intitulado "Renato Kehl e a Eugenia", apresentamos o autor de *Lições de Eugenia* e destacamos alguns traços de sua trajetória pautada pela tentativa de implantar a eugenia no país. Num segundo momento, tratamos do período considerado como "O Auge da Propaganda Eugênica em 1929" em que Renato Kehl publica Lições de Eugenia. No terceiro tópico "A questão racial e a Eugenia Negativa em Lições de Eugenia" apresentamos o conteúdo da obra *Lições de Eugenia* e abordamos a mudança de direção do autor, onde ele passa a defender a eugenia negativa como solução para o problema racial brasileiro.

Renato Kehl e a Eugenia

No século XX o racismo científico se intensificou como ideologia no Ocidente. Esse movimento estava em plena atividade na Europa e nos Estados Unidos desde o fim do século XIX, e a partir da primeira década do século XX começou a influenciar os intelectuais brasileiros. Suas bases foram lançadas por Francis Galton, considerado o pai da Eugenia moderna. A lógica da aplicação da ciência eugênica está pautada no progresso da espécie humana e é na maioria das vezes incentivada por políticas nacionalistas.

No Brasil, as primeiras discussões sobre eugenia surgiram a partir da década de 1910 e se enquadravam na base da maioria das discussões do momento, como a questão da formação da nacionalidade brasileira, e se relacionavam principalmente a questões de saúde, saneamento, higiene e raça. A primeira tese sobre eugenia foi escrita por Alexandre Tepedino, sendo apresentada a Academia de Medicina do Rio de Janeiro em 1914 (SOUZA, 2005, p.1).

Segundo Souza (2005), o médico Renato Kehl, que a partir de 1917 se tornaria o principal propagandista da eugenia no país, afirmava anos mais tarde, que esses primeiros movimentos eugênicos seriam resultados de uma interpretação errônea da doutrina eugênica, mas dizia Kehl: "chegou, afinal, o dia de iniciarmos a nossa propaganda" (KEHL *apud* SOUZA, 2005, p. 1).

Renato Ferraz Kehl concentrou grande parte de sua vida para a implantação da eugenia no país. Ele foi responsável pela criação das primeiras instituições eugênicas no Brasil, além de ser o escritor de inúmeras obras responsáveis pela propaganda da eugenia no meio intelectual e político. Dentre essas obras, aqui me detenho daquela que Kehl nomeou como sendo as "Lições de Eugenia" que apresenta a radicalização do seu trabalho como eugenista. Ela é o símbolo de sua passagem teórica e prática para uma eugenia ainda mais negativa.

Renato Ferraz Kehl é brasileiro, natural de Limeira, interior de São Paulo. Nasceu em agosto de 1889, aos vinte anos já se formara em farmácia e em 1915 concluiu o doutorado em medicina. Seus estudos superiores foram muito importantes para a carreira que seguiria posteriormente, pois foi a partir de seu interesse pela medicina, pela genética e pela reprodução humana que fez com que ele se interessasse pelos princípios da eugenia e fundou em 1918 a Sociedade Eugênica de São Paulo, com 140 médicos (SOUZA, 2006, p.31).

É a partir dele e de seus trabalhos que a eugenia lança suas bases no Brasil. E é claro, com inúmeras transformações, ligada a diversos interesses e pautada pela forma teórica que o pensamento social era fundamentado nessa época no Brasil, pois, como destaca Stepan (1994,

p. 24), "uma ideologia ou ciência, mesmo que esteja pautada por pressupostos teóricos, adquire novas características ao ser transportada para um novo contexto social".

A figura de Renato Kehl, como sendo um intelectual não é muito conhecida e existem poucos estudos sobre sua trajetória política e intelectual, mas existem várias citações de suas obras, principalmente em estudos sobre raça e imigração. Sua atuação na propagação da eugenia no país se concentrou mais precisamente de 1917 a 1932, durante esses anos ele produziu livros, revistas e ministrou palestras em eventos, com o objetivo de propagar a eugenia no país (SOUZA, 2006, p. 29).

Foram aproximadamente trinta anos de atuação no Brasil tentando implementar a política eugênica. Esses trinta anos, como demonstram alguns historiadores, podem ser divididos historicamente em duas fases dentro um processo de transição do autor em direção a uma eugenia ainda mais radical. Mas, ao analisarmos a trajetória de Renato Kehl, devemos nos atentar para o que destaca Bourdieu (2005, p. 189) quando afirma que uma trajetória de vida é "uma serie de posições sucessivamente ocupadas por um mesmo agente (ou um mesmo grupo) num espaço que é ele mesmo um devir, estando sujeito a incessantes transformações".

Nesse sentido, a atuação de Kehl no cenário intelectual brasileiro deve ser reconstruída a partir de avanços e recuos, aproximações e deslocamentos. Entretanto, basicamente, ele concentrou sua atuação na propaganda eugenia em dois períodos, onde sua atividade é caracterizada por dois enfoques diferentes. O primeiro diz respeito à implantação da chamada "eugenia positiva", mais ligada a problemas de saúde pública e educação higiênica e sexual, comum na América Latina, como explica Souza (2006, p. 30):

> [...] paradigma eugênico latino-americano, muito mais preocupado com os problemas ligados a saúde pública, ao saneamento e a educação higiênica e sexual, do que propriamente com as questões biológicas, com o racismo cientificou com as medidas relacionadas a "eugenia negativa.

O segundo período, é caracterizado por uma nova concepção da aplicação da eugenia. Influenciado pela realidade alemã, Renato Kehl volta de sua viagem à Alemanha em 1928, com seu conceito de eugenia ampliado. Após ter adentrado o campo científico brasileiro, Kehl começa a demonstrar interesse pelo cenário mundial da ciência eugênica. Ele opta então a começar um trabalho visando a "eugenia negativa" com enfoque no estudo biológico propriamente dito e não mais em higiene e educação.

Conforme demonstra Souza (2006, p. 122):

> Renato Kehl voltou ao Brasil fascinado pelas novas discussões com que havia entrado em contato em solo europeu. A partir de então, passou a se corresponder

> frequentemente com cientistas, intelectuais e instituições científicas, tanto da Alemanha, Suécia, Noruega, Inglaterra e Áustria, quanto dos Estados Unidos.

Nesse sentido, demonstramos à adesão de Kehl a "eugenia negativa", principalmente pela influência que o contexto europeu causou em seu programa eugênico, sem esquecer que a transposição de ideias ou de teorias para outras realidades, gera novos resultados e perspectivas. O processo de transferência em si também deve ser observado. Além disso, o contexto social do Brasil nessa época, a aceitação intelectual e política de Kehl nesse meio, e as reflexões sobre os debates eugênicos internacionais são essenciais para a transformação da eugenia no Brasil e consequentemente do ideário eugênico de Renato Kehl.

O Auge da Propaganda Eugênica em 1929

Além de publicar *Lições de Eugenia* em junho de 1929, Renato Kehl fundou em janeiro do mesmo ano o *Boletim de Eugenia*, um periódico mensal do Instituto Brasileiro de Eugenia. Nesse ano também aconteceu o primeiro Congresso Brasileiro de Eugenia que reuniu centenas de médicos e eugenistas. Percebemos que o ano de 1929 foi singular para a Eugenia brasileira e para o projeto de Renato de Kehl. Todos esses acontecimentos com seus desdobramentos demonstram a mudança de perspectiva desse personagem em relação a eugenia negativa.

Tanto o livro *Lições de Eugenia*, quanto o próprio Boletim de Eugenia apresentam de forma didática aquilo que "fundamenta" a ciência eugênica. Essa tática faz parte do novo ideal que Kehl assume a partir de 1928. Ele procura expandir sua fama dentro do movimento eugênico e intelectual da época influenciando os debates do Congresso de 1929. É interessante perceber também que Renato Kehl realiza uma ligação entre o desenvolvimento social e o desenvolvimento cientifico/biológico. O segundo seria, para ele, fundamental para que o primeiro se tornasse realidade. A prática de política biológica funcionaria como base do avanço da sociedade.

Renato Kehl transitou por São Paulo e Rio de Janeiro tentando implementar suas ideias sobre a eugenia. Especialmente no Rio de Janeiro, onde o contexto social da época foi responsável por legitimar e transformar alguns de seus estudos e práticas. Além da industrialização crescente desses centros, desde a segunda metade do século XIX, a cidade do Rio de Janeiro iniciara intensos debates entre a classe intelectual e política acerca da saúde pública, devido à falta de planejamento urbano a proliferação de diversas doenças entre seus habitantes se tornou comum. Segundo o historiador Sidney Chalhoub, em 1850, uma onda de

Febre Amarela atingiu a cidade chegando a causar aproximadamente 15 mil mortes (CHALHOUB, 1996, p. 32).

Juntamente com os problemas de saúde, a cidade passava pelo processo de industrialização. Depois das transformações ocorridas com a vinda da corte portuguesa e a transferência da capital federal, a cidade do Rio de Janeiro se tornou a maior cidade do Brasil em quantidade de população e desenvolvimento urbano. Para que esse ritmo de crescimento continuasse, os diversos governos municipais e federais que se sucederam de 1850 até as primeiras décadas do século XX, investiram consideravelmente em dois aspectos: saneamento e embelezamento (CARVALHO, 1987, p. 15).

Devido a epidemia de febre amarela em 1850, foi criado em 1851, a Junta de Saúde Pública, com a função de combater esta e outras doenças e de pensar os rumos da saúde pública da cidade. Além dela, em 1886 foi criada a Inspetoria Geral de Higiene com a finalidade de fiscalizar e corrigir as novas normas de higiene a serem colocadas em prática no Rio (CHALHOUB, 1996).

Toda essa ênfase na área da saúde pública tende a se intensificar durante o governo municipal de Francisco Pereira Passos e a atuação do médico Oswaldo Cruz no início do século XX (CARVALHO, 1987, p. 17). A atuação de Renato Kehl acontecerá a partir desses debates sobre saúde pública. Pois, como explica Stepan (2004, p. 348) "estrutural e cientificamente, a eugenia brasileira era congruente, em termos gerais, com as ciências sanitárias, e alguns simplesmente a interpretavam como um novo ramo da higiene".

Essa ligação entre eugenia e as ideias sanitaristas, e a sua corrente associação, se deu pela forte influencia que o pensamento neolamarckista e sua convicção na transmissão dos caracteres adquiridos, exercia sobre os intelectuais brasileiros. Nessa perspectiva, como esclarece Souza (2005, p. 03-04) como o neolamarckismo postulava que as condições do meio transformavam-se em caracteres que seriam herdados hereditariamente – o que era uma concepção corrente durante as primeiras décadas do século XX - os eugenistas acreditavam que os "males sociais" transformavam-se em verdadeiros "venenos raciais".

Além de dominar essa área, ele irá se concentrar em outro importante cenário do século XX: a questão da formação da nacionalidade brasileira. A partir desse contexto, Kehl irá propor uma política eugênica, que segundo ele, seria capaz de responder algumas questões do nacionalismo e dar conta dos anseios de cidades como o Rio de Janeiro e São Paulo. Além disso, a Eugenia seria capaz de alcançar o desenvolvimento social do país através de uma política de melhoramento racial.

Os primeiros movimentos eugênicos no Brasil se deram a partir do primeiro Congresso Internacional de Eugenia que aconteceu em Londres em 1912. Renato Kehl, participou do evento, o que deu fôlego para a produção de suas primeiras obras que foram publicadas já com o intuito de ser uma propaganda eugênica no Brasil. No dia 17 de abril de 1917, foi realizada a primeira conferência sobre Eugenia no Brasil. Seus resultados foram publicados no *Jornal Commercio* edição de São Paulo, cidade sede da conferencia (KEHL, 1929, p. 07).

A conferência abordou diversos temas eugênicos e realizou uma campanha entre os presentes para que aderissem a essa ciência pelo "bem da nação". O resultado da conferência foi um sucesso e no ano seguinte é fundada a primeira sociedade eugênica da América Latina, a Sociedade Eugênica de São Paulo, com apoio do Professor Arnaldo Vieira de Carvalho, diretor da Faculdade de Medicina de São Paulo. A associação contou com a participação de cerca de 140 associados, e as primeiras reuniões foram realizadas na Santa Casa de Misericórdia de São Paulo.

A partir desse momento, Kehl e os associados da Sociedade Eugênica começaram a produzir diversas obras com o intuito de propagar ainda mais o ideal eugênico no Brasil. A partir de 1917, foram publicados o folheto *Eugenia*, o livro *Annaes de Eugenia* (1919), entre outros.

Em *A Eugenia no Brasil*, Nancy Stepan (2004) destaca a estreita relação da eugenia como um movimento social e uma ciência, principalmente nas primeiras décadas do século XX. Historiadores e cientistas contemporâneos têm negligenciado seu ofício ao esquecer tal tema essencial, principalmente para a escrita da história latino-americana. Muitos até negam que a eugenia tenha realizado algum papel histórico.

No período entre as guerras mundiais, a eugenia teve um papel fundamental para o desenvolvimento de estudos genéticos e para o aumento nos investimentos na ciência, em especial a médica. Stepan (2004) esclarece nesse sentido que a eugenia "estimulou a criação de alguns dos primeiros cursos de genética da região". Várias conferências e congressos latino-americanos trataram do tema entre 1900-1940, especialmente o de Cuba em 1927 e o da Argentina em 1934 (STEPAN, 2004, p. 03).

Em relação às movimentações eugênicas no Brasil destacamos que este é o primeiro país da América Latina a ter um movimento eugênico organizado. Dentre os motivos para tal articulação citamos a tardia industrialização, intensa na época, e a maciça imigração europeia. O clima tropical, a miscigenação intensa, a libertação dos escravos também foram determinantes para que se criasse entre a elite brasileira uma grande movimentação sobre os

temas biológico-sociais ligados a eugenia que seriam capazes de melhorar a condição racial do Brasil (STEPAN, 2004, p. 04).

Sendo assim, percebemos que a ascensão dos estudos sobre eugenia na política brasileira foi muito mais ligada aos assuntos pertinentes ao próprio país do que os que envolviam a Europa. Dentre esses, Stepan (2004, p.04) destaca quatro:

> O primeiro diz respeito a implantação histórica de um sentimento nacionalista" que gerou uma meta: encontrar soluções brasileiras para problemas brasileiros. O segundo trata do contexto social brasileiro. Desde o abandono dos ex-escravos a partir da abolição, passando pela industrialização e urbanização de algumas cidades brasileiras, os problemas sanitários a que estavam sujeitos a maioria da população e o aumento excessivo da imigração europeia. Todo esse contexto leva a elite política a investir em programas de "bem-estar social" ligados a eugenia. O terceiro fator está ligado ao desenvolvimento da ciência como um sinal de modernidade entre as precárias condições da época. E o quarto fator tem a ver com condição racial do país nesse início de século XX.

Nesse momento temos uma população totalmente híbrida, resultado da miscigenação entre diferentes povos e culturas. E é esse contexto, que a escrita de *Lições de Eugenia* e todo o projeto que Renato Kehl tinha como objetivo transformar na verdadeira "raça nacional", a "verdadeira extirpe" da "nobreza racial" a "elite de eugênicos".

A questão racial e a Eugenia Negativa em Lições de Eugenia

A obra *Lições de Eugenia*, escrita em 1929, por Renato Kehl é o prelúdio de um processo de ruptura do autor em direção ao projeto eugênico com discussões consideradas "extremas" sobre a proposta e as medidas eugênicas. Depois da construção e publicação dessa obra, Renato Kehl realiza em 1932 sua segunda viagem à Europa. Os anos que passou por lá contribuíram, ainda mais para esse processo de mudança em sua trajetória intelectual. *Lições de Eugenia* e o *Boletim de Eugenia* caracterizam alguns traços dessa ruptura no pensamento do eugenista, ambos dão ênfase a questões de hereditariedade, a chamada esterilização de degenerados e criminosos e a prática do exame médico pré-nupcial obrigatório.

A publicação de *Lições de Eugenia* coroou um período em que a eugenia brasileira se caracterizava principalmente pela ampliação das discussões relacionadas a questões raciais. Segundo Stepan (2005, p. 175) "em nenhum lugar a mudança para uma eugenia mais pessimista e negativa foi mais notável que na questão de raça", essa eugenia negativa recebe destaque em *Lições de Eugenia* e foi defendida por vários intelectuais, entretanto, alguns defendiam uma forma mais branda da mesma, como destaca Souza (2006, p. 177):

> [...] ao mesmo tempo em que eugenistas mais radicais, como Renato Kehl, Ernani Lopes, Pacheco e Silva, Azevedo Amaral, Xavier de Oliveira, entre outros, defendiam o programa de uma "eugenia negativa" e racista, ao estilo alemão e norte americano, outros pintavam com tonalidades mais brandas o grande quadro racial brasileiro, especialmente os antropólogos do Museu Nacional e a maioria dos intelectuais ligados ao movimento sanitarista.

Até o inicio dos anos 1920, Renato Kehl via de forma otimista a questão da miscigenação, sendo que para ele era um caminho "positivo" que conduziria ao branqueamento da nação, mas, a partir da segunda metade da década de 1920, ele passa a se opor a esse processo, pois, como esclarece Souza (2006, p. 177) "esse autor temia que a mistura racial levasse, ao contrário, a progressiva degeneração".

Na lição de número um Renato Kehl apresenta a proposta eugênica, bem diferente da que apresentava em suas conferências em 1917. Ele sintetiza a definição, a finalidade e a história da Eugenia como projeto biológico e como política. Basicamente ele a expõe com a finalidade de "melhorar progressivamente a espécie humana, através do incentivo articulado da reprodução da "boa geração"".

Além disso, Renato Kehl destaca a diferença básica entre "eugenia" e "eugenismo", sendo que, a primeira designa a ciência eugênica com suas técnicas e métodos, já a segunda representa a ação eugênica, ou seja, sua aplicação num determinado grupo social. Por ser um dos pioneiros entre os intelectuais brasileiros, a tratar da eugenia no país, Kehl (1929, p. 06) faz questão de construir um plano de ação da Eugenia, ressaltando cinco pontos fundamentais:

- Favorecer a estabilização de qualidades hereditárias ótimas;
- Impedir a aquisição de caracteres degenerativos e transmissíveis hereditariamente;
- Propagar e organizar a sociedade humana contra os fatores de degeneração;
- Controlar casamentos e evitar matrimônios entre degenerados;
- Vulgarizar e aplicar os conhecimentos necessários a produção individual e racial;

Esses cinco pontos seriam resultados das longas pesquisas biológicas e sociais realizadas durante a história da eugenia no mundo, das quais Renato Kehl havia mantido algumas características e construído outras. Segundo ele, a Eugenia teria surgido na Grécia e na Índia durante a antiguidade, onde uma seleção era realizada como forma de controle social, segundo ele essa atividade era comum nessas civilizações. Kehl destaca ainda que para os povos gregos, por exemplo, o aperfeiçoamento humano e social era de suma importância, sendo que o contato com estrangeiros era sinal de perigo. Renato Kehl assiná-la, em alguns fragmentos do pensamento de Platão, indícios do que ele classifica já como "princípios eugênicos de seleção".

Ao tratar da "história" da eugenia enquanto uma trajetória, Renato Kehl afirma que os primeiros esforços de higiene racial saíram do pensamento de Platão em sua obra "A República" quando ele estabelece meios para selecionar pessoas capazes de "dar filhos sãos, vigorosos, inteligentes, capazes de aumentar o valor físico da espécie". Para Kehl, somente com Francis Galton na época moderna, os "ideais regeneradores" seriam novamente estudados, a Idade Média teria sido um período de "humilhação do corpo" em vista do céu, sem que houvesse alguma preocupação com o melhoramento racial.

Francis Galton é considerado o pai da eugenia, Kehl dedica um considerável espaço de sua primeira lição para enunciar os principais feitos de Galton em relação a estruturação da eugenia. Galton teria fundado em 1905 a primeira instituição eugênica em Londres, a *Eugenics Record Office* e depois em 1909 publicara o *Essays in Eugenics* em que ele estabelece as bases e os métodos a serem seguidos posteriormente (KEHL, 1929, p. 10-11).

Depois que Galton lança as bases científicas da eugenia ela haveria de se espalhar pelo mundo tendo grande aceitação em países como os Estados Unidos e Alemanha. Segundo Kehl, "vinte e oito universidades tiveram nos seus programas escolares o ensino dessa ciência" (KEHL, 1929, p. 11).

A Idade Média é considerada para Renato Kehl, e para alguns historiadores, como o "período das trevas". Para Kehl, esse período da história não favoreceu nenhum princípio eugênico, nem mesmo de higiene, afirmando que as pessoas viviam em uma "sociedade que, para ganhar o céu, favoreceu a humilhação do corpo". Segundo ele, foi só no período moderno, mais precisamente com o cientista Francis Galton no século XIX, que novamente alguns estudos se preocuparam com a regeneração humana (KEHL, 1929, p. 11).

Galton teria adotado e adaptado as medidas eugênicas dos espartanos e estudado a possibilidade de implantação de princípios selecionadores desse povo antigo em sua sociedade. Posteriormente, Galton desenvolveu muitos estudos com viés eugênico, chegando a criar em 1905, na Inglaterra, a *Eugenics Record Office*, anexa a Universidade de Londres, como destaca Kehl (KEHL, 1929, p. 12).

Foi então que em 1909 Galton publica um estudo intitulado *Essays in Eugenics* esboçando os princípios da eugenia enquanto ciência, sua metodologia, programa e valor social. Depois disso, a ciência eugênica e com ela o "racismo científico", se espalharam pelo mundo influenciando intelectuais, médicos e lideranças governamentais. Galton morreu em 1911, aos 89 anos de idade. Após sua morte, o movimento eugênico se desenvolveu e ganhou mais força. No mesmo ano de sua morte, nasceu a *The Eugenics Education Society* que visava

unir homens de diversas áreas científicas, sociais e políticas em vista da propagação do ideal eugênico no mundo.

Com certa "didática" e com uma linguagem simples, a obra *Lições de Eugenia* expressa o interesse de Kehl em favorecer a propagação da eugenia no país. Ao mesmo tempo em que ele deseja reforçar sua autoridade intelectual no interior do movimento eugênico (SOUZA, 2006, p. 02), ele sintetiza os principais métodos da eugenia e se dirige as demais camadas da sociedade, principalmente as famílias e as autoridades políticas.

Suas doze lições de eugenia foram criadas para servir de ferramenta da propaganda eugênica, por isso, elas são didáticas, apresentam um resumo da trajetória científica da eugenia, seus principais pesquisadores e propagadores, seus fundamentos, os objetivos e práticas da educação eugênica, e ainda, ela procura demonstrar a importância que a sociedade deveria dar a eugenia como instrumento de progresso da sociedade.

Renato Kehl sintetiza os principais objetivos e finalidades da eugenia, e os coloca sob três aspectos. O primeiro é o "aspecto prático", "procura e promove as medidas que favoreçam a reprodução de pessoas hereditariamente sadias, e impeçam a formação e aumento de disposições inferiores" (KEHL, 1929, p. 07).

Esse aspecto é fundamental para compreendermos o conteúdo de diversas lições que tratarão de métodos e medidas com a finalidade de aumentar a reprodução dos "tipos ideais" e combater a reprodução dos "degenerados". Nesse contexto o autor falará posteriormente tanto das características da "eugenia positiva", quanto da "eugenia negativa". O segundo aspecto diz respeito a medidas de cunho social através do que Kehl irá denominar "política eugênica" com o intuito de "alcançar os fins eugênicos através de políticas oficiais" (KEHL, 1929, p.7).

O terceiro trata das finalidades eugênicas do ponto de vista individual. Nesse aspecto o principal objetivo é criar uma consciência eugênica nos indivíduos, instruindo-os e educando-os a partir dos pressupostos eugênicos e como afirma o autor: "Para a realização dos seus fins (a eugenia) proclama com energia a necessidade da educação popular nas questões de higiene, de hereditariedade..." (KEHL, 1929, p.39). E completa com o objetivo da pratica dessa educação eugênica:

> [...] tornar geral o interesse público pelas medidas de defesa e de proteção da sociedade dentro do programa eugênico, do fomento da paternidade digna, do impedimento a procriação dos defeituosos e tarados, da luta contra os fatores de abastardamento de todo gênero (KEHL, 1929, p.39).

Intitulada "Possibilidades Eugênicas", a segunda lição proposta por Renato Kehl tem o objetivo de demonstrar aos leitores que os estudos e a aplicação dos métodos eugênicos

podem trazer grandes conquistas para uma sociedade, como ele mesmo afirma, é o "espírito utilitarista" da ciência eugênica que impulsiona seu progresso.

O estudo e a aprimoramento da ciência eugênica trariam progressivamente maiores resultados, é o que afirma Kehl ao relacioná-la a Zootecnia que na época demonstrava ter conseguido aperfeiçoar e elevar as características de animais, que passavam a ter mais utilidade e maior valor econômico. E esta ciência teria conseguido chegar a esse ponto através de um método de estudo e organização de questões como a hereditariedade e a reprodução.

Ao utilizar esse exemplo, Kehl pretendia influenciar os leitores em relação a importância de se ter uma ciência como esta, mas, aplicada a seres humanos. O autor destaca ainda que "é estranho, pois, que se cuide com tanto interesse da seleção de raças animais, com os mais evidentes resultados, e não se tenha, igualmente, cuidado da espécie humana" (KEHL, 1929, p. 19).

A segunda lição apresenta basicamente, diversos casos de utilização dos meios eugênicos. Kehl procura exemplificar a importância da Eugenia como uma arma para a regeneração da espécie humana que, segundo ele, foi devastada pelo descaso dos próprios seres humanos em relação à reprodução e hereditariedade.

Além de apontar a regeneração da espécie humana como um dos principais fins da Eugenia, o autor faz questão de trabalhar, biologicamente, sobre outros fatores e metas possíveis com a prática eugênica. A partir dos processos de seleção, segundo Kehl, a regeneração seria o ponto mais almejado. Mas também, questões como conservação da espécie, melhoria racial, aperfeiçoamento, formação de "novos tipos", e até "reforçamento" de sangue seriam objetivos da ciência eugênica, segundo Kehl "por esse rápido esforço verifica-se que apurar uma raça não consiste, apenas, em tomar dois reprodutores escolhidos e cruza-los" (KEHL, 1929, p. 18).

Num dos subtítulos da segunda lição, em que o próprio autor a intitula "idealismo" percebemos que Renato Kehl sonhava em ver o mundo empregando os ideais eugênicos. Percebemos as primeiras características da eugenia negativa em seu discurso, visando criar a "elite eugênica" a partir do controle dos casamentos e da esterilização:

> Um indivíduo para casar-se terá de sujeitar-se a uma minuciosa análise do seu registro e da sua própria pessoa; só depois da folha corrida, fornecida pela repartição genealógica e do atestado de sanidade, terá o honroso direito ao casamento prolifico. Sim, prolifico, porque os indivíduos considerados inaptos a procriação terão apenas direito aos prazeres do hymeneu, quando previamente submetidos a esterilização (KEHL, 1929, P. 21-22).

Outro ponto interessante da segunda lição é a "Eugenia e Nobreza de Raça", subtítulo em que o autor trata das características que realmente devem integrar uma raça ou a extirpe de uma família. Kehl destaca que muitas vezes as pessoas fazem questão de destacar que fazem parte de uma família, ou que são descendentes de outras, "ostentam títulos e dignidades", mas se esquecem que eles se desvalorizam com o tempo, e que o verdadeiro "sangue azul" viria de seres humanos ideais, eugenizados. E para isso ele idealizava:

> Será com isso criado o "registro genealógico oficial", repartição importantíssima, destinada a assinalar as nobrezas físicas, intelectuais e morais da elite, da verdadeira elite eugênica, autentica aristocracia de Venus e Apollos em carne e osso (KEHL, 1929, p. 21).

Kehl apresenta também o que ele chama de ciência/religião de Galton. Uma espécie de ligação entre a eugenia e a religião, ou mesmo, as religiões, porque ele propunha uma união de todas as religiões pelo progresso da humanidade, valorizando a importância da "santificação da alma e do corpo". Ele critica as religiões que levam as pessoas a uma preocupação única com a alma, e se esquecem do corpo:

> A Eugenia pretende que a alma se santifique, tendo, porém, como "residência", na sua passagem por esse planeta, uma moradia condigna, dado o contraste chocante de uma alma pura, de um espirito divino, habitando num corpo monstruoso e abominável (KEHL, 1929, p. 37).

No início da lição dois, o autor aborda as bases da Zootecnia, ciência inventada no século XIX e que prevê a seleção e reprodução de animais saudáveis. Kehl propõe um questionamento didático a sociedade humana: porque não investir na Eugenia, já que uma ciência com métodos e práticas parecidas, mas aplicada em animais, teve resultados surpreendentes?

Enfim, a segunda lição eugênica de Renato Kehl expressa o ideal de toda a obra, ser uma propaganda da ciência da "verdadeira extirpe", da "nobreza racial" e da "religião/ciência" capaz de levar a perfeição moral, intelectual e física da humanidade, tornando comum o interesse por suas medidas (KEHL, 1929, p. 38).

A partir da lição três, percebemos uma preocupação do autor para com a situação social do Brasil. Ele apresenta algumas respostas para os problemas do país a partir da Eugenia, ou mesmo, a partir da prática eugênica em outros países. Os principais temas tratados são: Ignorância e Urbanismo, Alcoolismo, Degeneração e Crime, Alcoolismo na Suécia, Alcoolismo no Brasil e Doenças.

Temas mais centrados em questões físico/biológicas são tratados com ênfase, onde o autor dedica praticamente seis lições para abordar temas como: Fatores Degenerativos e

Defeitos Físicos, Reprodução, Células Germinais, Fecundação e Desenvolvimento Embrionário. Igual ênfase é dada a temáticas ligadas a hereditariedade e a evolução humana. As Teorias de Weismann, a Teoria da Seleção Germinal e outras concepções hereditárias, como as modernas, por exemplo, também são especificadas nesse momento.

Na lição de número nove, Renato Kehl faz uma análise sobre degenerações de ordem tóxica e toxi-infecciosa. Para ele, doenças e vícios como o alcoólico, podem representar grandes possibilidades de reprodução de proles degeneradas. A partir dessas conclusões ele ataca esses temas e procura demonstrar efeitos. A Sífilis, doença que ocupou boa parte dos principais debates entre intelectuais no século XIX, é colocada por Kehl como um mal profundamente distribuído entre a população brasileira. Exterminá-la deveria ser um objetivo eugênico, porque ela dificulta a reprodução de tipos "ideais".

A sífilis com certeza sempre foi um dos alvos a serem atacados por Kehl e pela Eugenia. Mas além dele, as décadas de 1920 e 1930 representam um processo amplo de mudança de perspectiva sobre a sífilis, doença que inspirou a construção de muitos estereótipos, foi considerada principalmente no século XIX a "doença do outro" sendo que ninguém queria ser o seu berço ou mesmo ser considerado um local afetado por ela. Essa concepção da sífilis a transformou numa verdadeira fronteira simbólica entre os países. E o Brasil, segundo Stepan (2004) por muitos, foi ligado diretamente a essa doença, alguns até diziam que ela havia se apropriado da totalidade dos brasileiros.

A forte presença da sífilis no país era ligada principalmente a outro estereótipo: a "permissividade do Brasil" ou mesmo ao comportamento sexual excessivo a que muitos identificavam na população brasileira. Mas, compreender historicamente a construção desses dois estereótipos renderia grandes reflexões, porque ambos são construídos a partir de um processo histórico muito amplo e que se interliga com diversos fatores.

Assim, as décadas 1920 e 1930 devem ser analisadas como o período mais intenso da atuação de intelectuais brasileiros reconstruindo um novo conceito de nação para redefinir a identidade do brasileiro e consequentemente a sua. A preocupação de Renato Kehl, com a sífilis em suas lições, é nada mais do que um exemplo desse combate contra o estereótipo que a sífilis trazia a formação da nacionalidade brasileira.

A décima lição apresenta os fundamentos da Eugenia. Além de ser um resultado dos estudos de Francis Galton, a Eugenia recebeu grandes contribuições de teorias evolutivas como o Lamarkismo e a teoria de seleção natural denominada Darwinismo. Outras doutrinas e teorias também são analisadas por Kehl, como a de Weismann – Doutrina do plasma germinativo, a de Mendel – Hibridismo e a Doutrina de Semon.

Os chamados “Métodos e Meios Eugênicos”, abordados na última parte da obra de Renato Kehl são fundamentais para compreendermos os objetivos desta análise. Principalmente quando o autor realiza a descrição e a fundamentação das chamadas “Eugenia Positiva” e “Eugenia Negativa”, além de apresentar a os métodos da “Eugenia Preventiva”.

Segundo Kehl, a Eugenia adota métodos das ciências naturais, principalmente a Biologia e a observação estatística, empregando seus métodos e experimentos na espécie humana. A partir dos resultados de estudos dessas ciências pode se entender a influência relativa de dois grandes fatores de degeneração: o meio e a herança genética. Sobre esses dois fatores se debruçam os setores da ciência eugênica, para a melhoria racial dos seres humanos.

Basicamente, a Eugenia Positiva propõe principalmente a educação eugênica e o incentivo a reprodução de pessoas do tipo “ideal”. A partir da propaganda e da educação eugênica, se pretendia criar uma “consciência eugênica”, porque o aperfeiçoamento racial depende, segundo o autor, a uma mobilização de um grande número de propagandistas da “boa paternidade” e de contrários a “paternidade indigna”.

Já a Eugenia Negativa, segundo Kehl, seria um conjunto de recursos de ordem cientifica com a finalidade de reduzir a reprodução dos “anormais” ou “mal dotados” e estabelecer meios para acentuar a reprodução dos “bem-dotados”. Entre as principais medidas da Eugenia Negativa, formuladas por Renato Kehl, destaco duas. A primeira, diz respeito a proibição, para casais tidos como degenerados, de se reproduzirem. Para a realização dessa medida, o autor propõe a prática da exigência de um “exame médico pré-nupcial” do casal, proibindo o casamento se manifestassem perigo a prole.

Outra medida, talvez mais extrema, seria a esterilização de degenerados e criminosos. A proibição do casamento não seria suficiente em alguns casos, sendo assim, um meio radical seria necessário. Além da esterilização, em casos ainda mais sérios seria indicado a segregação da pessoa.

Se quisermos compreender a mudança causada no pensamento de Renato Kehl pela influência dos países do norte da Europa, precisamos observar a lição de número onze. Nela percebemos a frequente citação dos princípios da eugenia europeia, como a que destacaremos a seguir, onde Kehl utiliza “escopos” do método eugênico da Bélgica:

> O método estabelecido pelo “Office Belge d’Eugenique” para a eugenização compreende escopos que se especificam nos seguintes itens:
> Tornar evidentes que as famílias são caracterizadas por traços hereditários que lhe são próprios;
> Tornar evidente que os caracteres biológicos de uma coletividade dependem dos caracteres familiares, de suas variações e das uniões contraídas entre as diversas famílias;

> Que conhecendo, pois, as famílias, que concorrem para formar a coletividade, e seus caracteres, pode-se até certo ponto deduzir a presteza do acréscimo de certas categorias sociais a custa ou em proveito da coletividade;
> Que sejam investigadas, sistematicamente, as famílias perigosas pelas suas taras e as gerações pelas suas aptidões; que sejam estudados os fatores que as perpetuam; revelada a situação destas famílias na coletividade; determinadas as raízes; encontrados os ascendentes e colaterais, identificados os emigrantes e os imigrantes;
> Estudar as questões de número, de distribuição geográfica e tipográfica, do grau de natalidade, de fecundidade, de fertilidade dos elementos étnicos e dos agrupamentos profissionais (KEHL, 1929, p. 144-145).

Os fragmentos acima foram utilizados por Kehl para reforçar a ideia de controle familiar, tema pouco abordado na América Latina, devido à influência da religião Católica, que condenava esse e outros preceitos eugênicos ligados a controle da reprodução. Segundo ele os métodos práticos, como a adoção de um teste pré-nupcial, contribuíam efetivamente para "a elevação moral e física do homem", mas em um país como o Brasil, não seria fácil coloca-los em prática, mesmo assim, Renato Kehl passou a incentivá-los recebendo inúmeras críticas.

Além de apresentar detalhadamente as diferenças entre a Eugenia dos tipos positiva, preventiva e negativa. Ao tratar da Eugenia positiva, ele destaca a importância do zelo pelo matrimônio bem planejado, na preocupação em escolher um bom marido e uma boa esposa:

> Como dissemos no nosso livro "Melhoremos e Prolonguemos a Vida", a eugenia positiva consiste na educação da mocidade para o matrimonio, na educação sexual dos jovens dos dois sexos, de modo a combater na ignorância sobre os verdadeiros fins do casamento, que são as boas gerações: preocupa-se em civilizar o instinto que Pinard diz ser "o mais poderoso, o mais nobre de todos, porque ele representa a salvação da espécie, pois que ele tem por missão assegurar a sua conservação" (KEHL, 1929, p. 146).

O prolongamento da vida, o melhoramento da espécie e a formação de um país "forte" e eugênico dependeria, segundo ele, da educação dos jovens para o matrimônio, como ele mesmo afirma "civilizar o instinto", onde a escolha do parceiro deveria se basear nada mais do que em princípios eugênicos. Além disso, a Eugenia positiva caberia o dever de lançar uma propaganda aos casais eugênicos para que tivessem o maior número possível de filhos, afim de que graças a crescente "procriação hígida" se pudesse diminuir o número de inferiores e degenerados:

> É mister demonstrar e propagar o perigo e as ameaças que pesam sobre a humanidade, devido ao malthusianismo que se alastra de modo assustador entre os elementos das classes favorecidas, em contraste com a procriação desenfreada dos elementos das classes pobres e incultas, onde se conta maior número de incapazes e de degenerados (KEHL, 1929, p. 146-147).

Dentre esses "degenerados", Kehl faz questão de incluir os deficientes físicos e mentais. Segundo o autor, a reprodução desses indivíduos representa um sério risco a

humanidade, e permitir que ela aconteça livremente e o mesmo que cometer um crime ao futuro da nação, e novamente ele se utiliza de princípios europeus, onde seus eugenistas veem, "na fecundidade dos deficientes, uma ameaça tremenda para o futuro da civilização" (KEHL, 1929, p. 147).

Renato Kehl apresenta de forma sucinta o objetivo da Eugenia Preventiva, tanto ela quanto a Positiva, que acabamos de tratar acima, representam o primeiro período da trajetória de divulgação da eugenia de Kehl (1910-1928). Segundo ele, a Eugenia preventiva seria a "higiene da raça". Kehl já se dedicava aos seus principais métodos antes de escrever Lições de Eugenia. Esse ramo da Eugenia se preocupa em exterminar as doenças e os males econômicos e sociais, considerados "venenos degeneradores". Ela se ocupa também de questões de higiene e educação sexual. Para ele:

> Tem em vista estabelecer o que este resume na expressão "moral biológica", ou melhor na "consciência da moral biológica", visando convencer o público do mal que causam as intoxicações euforísticas e habituais (álcool, morfina, cocaína, tabaco); evidenciando os males que resultam do egoísmo social, do egoísmo econômico, do anticivismo, do anti-patriotismo (KEHL, 1929, p. 154).

A lição onze se dedica também aos temas da esterilização e formas de aplicação do atestado médico pré-nupcial. Os dois temas dizem respeito a Eugenia Negativa e fazem parte da nova postura adotada por Kehl a partir de 1928. Ambos estão entrelaçados dentro da política eugênica, pois, a esterilização aconteceria se a indivíduo fosse considerado um degenerado após a realização do preenchimento do atestado pelo médico da família.

> A esterilização dos degenerados e criminosos constitui uma das medidas complementares da política eugênica, a qual estabelece, precipuamente, o exame de sanidade pré-nupcial, o impedimento a paternidade indigna, a procriação, em suma, de cacoplastas (KEHL, 1929, p. 171).

A medida eugênica de esterilização era indicada tanto em casos de doenças e deformidades corporais e mentais quanto em casos de miséria. Segundo Renato Kehl, essa medida deveria ser aplicada de forma compulsória, para que se obtivesse de forma mais rápida os resultados almejados, eliminar ou reduzir as características de degeneração. Embora, ele destacava que "a esterilização deve, pois, ser considerada como um processo de valor eugênico, mas não um recurso capaz de, por si só, resolver o problema de constituição da elite eugênica " (KEHL, 1929, p. 175).

Além de destacar em "Lições de Eugenia" a importância da esterilização e do exame médico pré-nupcial, Kehl os introduziu nos seus novos livros e em praticamente todas as edições do Boletim de Eugenia. Já na primeira edição do Boletim, a de janeiro de 1929,

Renato Kehl trata do exame médico pré-nupcial e cita outro eugenista que ele mesmo intitula como sendo um referencial no assunto, o doutor Waldemar de Oliveira, que acreditava na importância do exame, mas se encontrava descrente em relação a aplicação do mesmo no Brasil, acreditando ele, ser impossível sua popularização, devido ao analfabetismo em que se encontrava a maioria da população, precisava-se antes, educar o povo.

O boletim de junho-julho de 1929, período em que acontecia o I Congresso Brasileiro de Eugenia, trazia uma reportagem sobre a esterilização e enfatizava que o papel da Eugenia negativa era "remover as inferioridades das linhas de herança atuais, para o bem da população futura". Kehl observa também, nessa e em outras reportagens e artigos que era grande a dificuldade para que esses meios eugênicos se tornassem oficiais, ou seja, que o governo os instituísse como medida de saúde obrigatória (Boletim de Eugenia, Ano 1, n. 07, p. 09).

A prática da esterilização também era indicada por Renato Kehl nos casos de deficiência física ou mental:

> A esterilização deve ser indicada nos casos de cegueira e surdo mudez congênita ou hereditária, na epilepsia, idiotia ou no caso do casal já ter tido mais de um filho com desordem física ou somática (KEHL, 1929, p. 176).

Com a penúltima lição, Renato Kehl propõe um tópico fundamental para compreendermos sua intenção de promover esta obra como uma verdadeira propaganda da Eugenia como instrumento de transformação do Brasil e de sua identidade nacional. Ele compreende várias reflexões sobre a "Política eugênica", com o intuito de demonstrar a capacidade da ciência eugênica de influir na sociedade a partir de seu controle em alguns aspectos.

O autor aborda um tema familiar aos intelectuais brasileiros, a miscigenação, ou mesmo, o cruzamento de raças. Ele faz questão de refletir sobre a influência das raças negra e selvícola (indígena) no Brasil. O clima tropical, a miscigenação intensa, a abrupta libertação dos escravos, também foram determinantes para que Renato Kehl realizasse uma ligação entre a situação do Brasil e a Eugenia. Além dele, se criou entre a elite brasileira uma grande movimentação sobre os temas biológico-sociais ligados a eugenia que seriam capazes de melhorar a "condição do Brasil".

E para contribuir com esse melhoramento do Brasil, Kehl e outros eugenistas incentivaram uma política eugênica de imigração. Diferente daquela política investida no século XIX no Rio de Janeiro, com fins de impulsionar o processo de modernização, a politica eugênica de imigração queria trazer em massa, para o Brasil, aqueles homens e

mulheres que Kehl chama de “bem-dotados”. A reprodução desse tipo de pessoas ajudaria a transformar a realidade do país.

Outros instrumentos eugênicos capazes de contribuir com a melhoria racial de uma sociedade, seriam a educação familiar e o ensino da Eugenia nas escolas. A partir da educação pode-se ensinar as crianças e mesmo aos adultos temas como sexualidade. Kehl coloca a dificuldade que os pais têm de tratar de temas sexuais com os filhos. Muitos chegavam a achar que falar sobre isso poderia causar uma manifestação precoce da sexualidade das crianças. Mas, Renato Kehl assiná-la que esse ensino é importante, pois contribui para a formação de uma consciência responsável em relação a espécie.

Conclusão

A construção de uma nação civilizada dependia, para o eugenista Renato Kehl, da evolução das raças. Segundo Souza (2005)**,** na década de 1930 houve uma ampliação do debate em relação às teorias cientificas que fundamentavam a eugenia enquanto ciência, como por exemplo, as concepções neolamarckistas, darwinistas, weisnnistas e mendelianas, no entanto, segundo Stepan (2014), a teoria de Lamarck foi sem dúvida a concepção científica que mais fascínio exerceu sobre o movimento eugenista brasileiro, apesar de Galton refutar essa teoria.

Todos os acontecimentos voltados para a propaganda da eugenia em 1928 e 1929, eventos e publicações de Renato Kehl e de outros eugenistas, fizeram com a Eugenia chegasse a década de 1930 com força dentro do pensamento intelectual brasileiro. Mesmo que não se mantivesse uniforme, como observamos acima, o discurso eugênico se lançou com muita força nessa década, e apoiado principalmente pelos ideais da eugenia negativa. No contexto nacional, a Revolução de 1930 instalara um novo cenário político e ideológico que ajudou a expandir o espaço político e intelectual para a propaganda eugênica (SOUZA, 2005, p. 06).

Renato Kehl expressara em *Lições de Eugenia* a importância da eugenia para a política, e da política para a prática da eugenia. Segundo ele, “do seio de um povo atrasado, sem noção de progresso e moralidade, só se podem esperar políticos equivalentes” (KEHL, 1929, p.182), sendo que, a eugenia contribuiria para o bem da nacionalidade, a partir do melhoramento físico, intelectual e moral da população. Mas para isso, era necessário o apoio dos políticos “sensatos e patriotas”, que fizessem sua, a política eugênica (KEHL, 1929, p.182).

Percebemos claramente o discurso de cunho nacionalista de Kehl, ele procurava associar a eugenia à política nacional. Para ele, não haveria solução para os males sociais fora das leis da biologia, e como ele mesmo afirmou em "Por que sou eugenista: 20 anos de campanha eugênica 1917-1937" obra de 1937, "não há política racional, independente dos princípios biológicos, capaz de trazer paz e felicidade aos povos. Eis, porque, a política, por excelência, é a política biológica, a política com base na eugenia".

Enfim, o grande objetivo dos eugenistas, e inclusive dos eugenistas brasileiros, era, segundo Souza (2005), transformar a "raça nacional" na tão sonhada "elite de eugênicos", e para isso, intensificaram os debates sobre eugenia negativa. Atitudes radicais como a esterilização, pena de morte, controle rigoroso da entrada de imigrantes, obrigatoriedade do exame pré-nupcial, proibição do casamento inter-racial e de portadores de doenças contagiosas, entre outros, precisariam ser observadas.

A efervescência das discussões sobre eugenia e a intensa propaganda dessa ciência por parte de alguns médicos e intelectuais brasileiros nas primeiras quatro décadas do século XX, se enquadram no contexto das discussões formuladas por Michel Foucault em História da sexualidade- vol. I. A vontade de saber. A ação desses intelectuais representa de alguma forma o pensamento social brasileiro e deve ser compreendido de forma mais ampla.

A política eugênica é essencialmente uma forma de controle da população, controle da vida e do corpo e essa política se desenvolve num momento em que esse controle da vida é um tema central na maioria das sociedades. E como bem afirma (Foucault, 1997 apud Souza, 2005, p. 07) "num momento em que as políticas nacionalistas se transformaram em biopolítica, e o povo em espécie, em raça".

Embora tenha se disseminado no meio médico e intelectual, no Brasil a eugenia não conseguiu colocar em prática, alguns de seus meios, como a esterilização e a regulamentação do casamento. No entanto, como afirma Souza (2005, p. 07), "é preciso compreender que mesmo as posições radicais assumidas pelos eugenistas não diziam respeito apenas a meia dúzia de intelectuais". E, apesar de possuir uma série de ambiguidades, a eugenia se transformou num discurso corrente e amplamente legitimado no meio científico, político e social brasileiro.

É como resume Bauman (1999, p. 38):

> [...] os projetos mais extremos de "engenharia social" como a eugenia, por exemplo, não foram produtos alheios a nova ordem racional da civilização, ao contrário, foram produtos legítimos do espírito moderno, daquela ânsia de auxiliar e apressar o progresso da humanidade rumo à perfeição que foi por toda parte a mais eminente marca da era moderna.

Toda essa articulação de estratégias presentes na obra *Lições de Eugenia* se manifesta a partir de um jogo simbólico de poder. Contribui para o desenvolvimento de um debate de ideias, mas parte dos interesses dos diferentes grupos sociais em cena. Além de se preocupar com a construção da nacionalidade brasileira, as reflexões que tratam de grupos de intelectuais brasileiros dos anos 1920, 1930 e 1940, demonstram que muitos conceitos se transformam e outros se fortalecem criando um cenário legitimador até mesmo do racismo científico.

Referências

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade e Ambivalência*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

BOLETIM DE EUGENIA. Rio de Janeiro, n°8, agosto de 1929.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (Org.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2000, p.183-191.

_____. A Ilusão Biográfica. In: FERREIRA, Marieta; AMADO, Janaina. *Usos e Abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

_____. *Os usos sociais da ciência:* por uma sociologia clínica do campo científico. São Paulo: Editora Unesp, 2004.

_____. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

CARVALHO, José Murilo de. *Os bestializados*: o Rio de Janeiro e a República que não foi. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

CHALHOUB, Sidney. *Cidade Febril*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

KEHL, Renato. *Lições de Eugenia*. Rio de Janeiro. Editora Francisco Alves, 2º Edição, 1929.

_____. *Por que sou eugenista*: 20 anos de campanha eugenica 1917-1937 – RJ: Fco Alves, 1937.

_____. *Aparas Eugenicas*: Sexo e Civilização. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1933.

POCOCK, John. The concept of a language and the métier d´historien: some considerations on practice. In: PAGDEN, A. (ed). *The Languages of Political Theory in Early-Modern Europe*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

STEPAN, Nancy. A *hora da eugenia:* raça, gênero e nação na América Latina. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2005.

STEPAN, Nancy. “A Eugenia no Brasil – 1917 a 1940”. In: HOCHMAN, G. & ARMUS, D. (orgs). *Cuidar, Controlar, Curar*: ensaios históricos sobre saúde e doença na América Latina e Caribe. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2004.

SKINNER, Quentin. *As Fundações do Pensamento Político Moderno*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

SOUZA, Vanderlei Sebastião de. A Eugenia no Brasil: ciência e pensamento social no movimento eugenista brasileiro do entre-guerras. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 23. 2005, Londrina. Anais do XXIII Simpósio Nacional de História – História: guerra e paz. Londrina: ANPUH, 2005. CD-ROM.

_____. *A política biológica como projeto*: a “eugenia negativa” e a construção da nacionalidade na trajetória de Renato Kehl (1917-1932). 2006. 215 f. Dissertação (Mestrado em História das Ciências) - Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2006.

_____. Em nome da raça: a propaganda eugênica e as ideias de Renato Kehl nos anos 1910 e 1920. *Revista de História Regional*, 11(2): 29-70, Inverno, 2006. Disponível em: http://www.revistas2.uepg.br/index.php/rhr/article/view/2230/1712 Acesso em: 15/07/2016.